

Grão-Chanceler
Dom Serafim Fernandes de Araújo

Reitor
Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira

Pró-reitores:

Execução Administrativa – Ângela Maria Marques Cupertino; *Extensão* – Bonifácio José Teixeira;
Graduação – Miguel Alonzo de Gouvêa Valle; *Pesquisa e de Pós-graduação* – Léa Guimarães Souki;
PUC Minas Arcos – Ângela França Versiani; *PUC Minas Betim* – Carmen Luiza Rabelo Xavier;
PUC Minas Contagem – Geraldo Márcio Guimarães; *PUC Minas Poços de Caldas* – Geraldo Rômulo Vilela Filho e Maria do Socorro Araújo Medeiros; *PUC Minas São Gabriel* – José Márcio de Castro;
Diretor do Instituto de Ciências Humanas: Audemaro Taranto Goulart; Chefe do Departamento de Letras: Vera Lúcia Felício Pereira; Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras: Ângela Vaz Leão; Diretora do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros: Lélia Parreira Duarte

Capa

Montagem de fotos de Isabel Rochinha do Manuscrito de *Viagens na minha terra* e caneta de Almeida Garrett. In: *Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 4, jan./mar., 1999. Número especial: Almeida Garrett.

Apoio



CESPUC – Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros
Av. Dom José Gaspar, 500 • Prédio 4 • Sala 103
30535-610 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil
Tel.: (31) 319.4368 • Fax: (31) 319.4369
e-mail: cespuc@pucminas.br

EDITORA PUC MINAS
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Pró-reitoria de Extensão
Av. Dom José Gaspar, 500 • Coração Eucarístico
Caixa postal: 1.686 • Tel: (31) 319.4220 • Fax: (31) 319.4129
30535-610 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil

Tiragem
1.000 exemplares

SCRIPTA

LITERATURA

Revista do Programa de
Pós-graduação em Letras
e do CESPUC

SCRIPTA	Belo Horizonte	v. 3	n. 5	p. 1-292	2º sem. 1999
---------	----------------	------	------	----------	--------------

Scripta é uma publicação semestral do Departamento de Letras da PUC Minas, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros – CESPUC-MG. A revista publicará números alternados com matéria de Literatura ou de Lingüística e Filologia, o que se indicará no subtítulo: I – Literatura; II – Lingüística e Filologia.

Comissão de Publicações:

Presidente: Wilton Cardoso de Sousa

Vice-Presidente: Ângela Vaz Leão

Editora da Revista *Scripta*: Lélia Parreira Duarte

Secretárias: Vanda de Oliveira Bittencourt

Maria Beatriz Nascimento Decat

Ivete Lara Camargos Walty

Maria do Carmo Lanna Figueiredo

Editor dos Cadernos de Pesquisa: Audemaro Taranto Goulart

Secretária: Márcia Marques de Moraes

Editora dos Resumos de Dissertações e Teses: Maria Nazareth Soares Fonseca

Secretária: Melânia Silva de Aguiar

Conselho Editorial:

Benjamin Abdalla Jr. (USP)

Carlos Alberto Iannone (UNESP)

Cleonice Berardinelli (UFRJ e PUC-Rio)

José Aderaldo Castelo (USP)

Laura Cavalcante Padilha (UFF)

Maria Antonieta Pereira (UFMG)

Maria Luiza Ramos (UFMG)

Maria Theresa Abelha Alves (UEFS)

Pedro Parafita de Bessa (UFMG)

Regina Zilberman (PUC-RS)

Silvana Maria Pessôa de Oliveira (UFMG)

Solange Ribeiro de Oliveira (UFMG)

Tânia Franco Carvalhal (UFRGS)

Wander Melo Miranda (UFMG)

Pe. Alberto Antoniazzi (PUC Minas)

Ataliba Teixeira de Castilho (USP)

Carlos Alberto Faraco UFSC)

Eneida do Rego Bonfim (PUC-Rio)

Evanildo Bechara (UERJ)

Ingedore Koch (UNICAMP)

José Luiz Fiorin (USP)

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Luiz Carlos Travaglia (UFU)

Marco Antônio de Oliveira (UFMG)

Margarida Basílio (UFRJ)

Maria Helena de Moura Neves (UNESP)

Mary A. Kato (UNICAMP)

Rosa Virgínia de Mattos e Silva (UFBA)

Preparada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Scripta, v. 1, n. 1, 1997 – Belo Horizonte: PUC Minas,

1997–

v.

ISSN 1516-4039

Semestral

1. Literaturas de Língua Portuguesa. História e crítica. 2. Língua Portuguesa.

I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. II. Departamento de Letras da PUC Minas. III. Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. IV. Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros – CESPUC-MG.

CDU 82.03 (05)



em 1991 (edição brasileira de 1999). A fortuna crítica que este livro tem originado aponta-lhe a originalidade da estrutura e a inovação da vivência pós-colonial, explorando ora as suas vertentes e heranças portuguesas, africanas e brasileiras, ora a sua pertinente estrutura fragmentária num sentido amplo – uma aparente estrutura em dois livros? – e restrito – a tessitura do texto. *Hibridex*, *fragmentação* e *diversidade* são as palavras com que descreveria este livro em termos de construção de texto (romance, autobiografia, ensaio, um relatório são fragmentos que compõem o texto) e de postura filosófica do seu narrador/ autor, palavras que são simultaneamente, como é sabido, aque-

las que a crítica pós-colonial tem encontrado para definir a multifacetada e complexa condição pós-colonial.¹

Escrito num tom simultaneamente irónico e nostálgico e num estilo “oblíquo e dissimulado” descendente original da “nobre tradição de dizer alhos para significar bugalhos”, que mais não são que reflexos diferentes da mesma coisa, *Partes de África* apresenta-nos em capítulos autónomos um conjunto de situações vividas ou ficcionadas em África e em Portugal, de onde todos nós, de uma forma ou de outra, emergimos, compondo-se assim o mosaico da “galeria de sombras”, visitada pelo autor na casa dos seus pais e que foi o motivo inspirador da escrita. Entre estes fragmentos inscreve-se a história de “Um Drama Jocos”, atribuída a Luís Garcia de Medeiros, um ser em trânsito pela Lisboa dos anos 50 e que se torna personagem do romance. Neste transposto drama salazarista aparecem refletidas, de forma mais tradicional, as “sombras” apresentadas nos capítulos anteriores num risivelmente trágico episódio da vida lisboeta dos anos 50.

Quer pela sua estrutura, quer pelo seu conteúdo, quer ainda e sobretudo pela diferente e inovadora perspetivação da memória da relação entre África e Portugal, *Partes de África* introduz uma diferença significativa. Na dicotomia de centros e periferias, em que Boaventura de Sousa Santos nos concedeu o estado intermédio, o romance não se encaixa. Não é, no sentido da crítica pós-colonial, um “the empire writes back to the centre” na expressão de Salman Rusdhi, nem um “Out of Africa”, na expressão de Plínio o Velho trazida para a modernidade pelo célebre livro de Karen Blixen. *Partes de África* transmite-nos antes um olhar excêntrico: que vem de África, mas que não se transveste de africano porque é europeu, e que olha para Portugal simultaneamente do centro e da periferia africana em que se formou. Assim sendo, Portugal é uma parte de África e África é uma parte de Portugal e é esse o “sentido marítimo desta hora”. E é nesta mobilidade genuína que se encontra a portugalidade espalhada que deveria caracterizar a pós-colonialidade política e literária em que Portugal não seria mais centro nem fronteira.

Partes de África é um livro fundamental para nos situarmos hoje em dia, enquanto construtores de uma nação pós-colonial na procura dos contornos de uma forma de estar, conosco e com os outros, em que a *hibridex* é uma condição, a *fragmentação* uma forma de estar assumida sem angústias de totalidades e a *diversidade* uma riqueza capaz de traçar os espaços de “fronteiras ausentes”, que a partir das heranças e da cultura se constroem e sobre os quais se projetam as diversas identidades de um espaço transnacional, culturalmente definido pela língua em que se escreve.

¹ Loomba, Ania, *Colonialism/Postcolonialism*. London/New York: Routledge, 1998, p. 15.

MACEDO, Helder. *Partes de África*. São Paulo: Record, 1999, 253p.

Margarida Calafate Ribeiro – King’s College Londres

No vastíssimo *corpus* ficcional português que após o 25 de Abril de 1974 tem questionado de forma variada e insistente a questão da identidade nacional encontramos o “surpreendente” e “inesperado” romance *Partes de África*, de Helder Macedo, publicado